



Mulheres



DE



ATENAS



O Cotidiano das Mulheres Periféricas Pelotenses da Balsa

Prefácio

Os depoimentos de vida de mulheres periféricas podem ser caracterizados como versões distintas da mesma história. A opressão estrutural que permeia a vida de mulheres marginalizadas faz com que suas vivências entrecruzem-se de maneira irrefutável, sem que seja possível analisá-las individualmente. A mãe, a esposa e a filha são identidades que sobressaem-se na medida em que a humanidade desvanece.

Maternidade compulsória, violência doméstica e sexual, empobrecimento, baixa escolaridade, invisibilidade e silenciamento, dentre outras inumeráveis desventuras, marcam a trajetória destas mulheres. Ao ouvir seus relatos pungentes entramos em contato não com um passado longínquo, com dificuldades de gerações pregressas, mas com uma sociedade ainda díspar cujo Patriarcado é a matriz comum a todos os problemas.

Paulo Freire preconizava que o indivíduo primeiro aprende a fazer uma leitura do mundo e só depois pode aprender a ler. A potência da alfabetização consiste na capacidade de contarmos a nossa própria história, sermos sujeitos da nossa própria narrativa. Porque é através da linguagem que a dominação substancia-se. A metáfora do colonizador que impinge o seu idioma ao colonizado ilustra como a opressão atua sobre as mulheres. Quando temos nossas vozes sobrepostas por discursos opressivos a consequência é a naturalização da opressão sofrida.

O projeto Mulheres de Atenas tem como referência a música do cantor e compositor brasileiro Chico Buarque de Hollanda. A Grécia, tida como berço da civilização ocidental, excluía as mulheres da vida pública e debates filosóficos. As mulheres eram rebaixadas a uma posição social equivalente a dos escravos tendo como núcleo de utilitarismo as suas funções reprodutivas.

O intuito deste projeto é retirar da obscuridade a narrativa de mulheres idosas moradoras do bairro Balsa porque registrar é immortalizar. Trazer à tona estes relatos do cotidiano significa criar uma ponte entre a academia e a periferia. Na sua formação o bairro adjacente ao campus Anglo era rodeado por banhados. Hoje coleciona histórias diversas para quem ali vive por décadas.

Muitos moradores da Balsa trabalharam no Frigorífico Anglo que encerrou em 1990. Este bairro escancara o paradoxo de ter uma universidade perto daquelas mulheres que ali trabalharam antes da instalação do campus e cujo direito ao estudo foi negado. Elas mudaram-se para a Balsa em busca de uma vida digna e a maioria ainda não possui a escritura de suas casas. E ainda têm suas vozes silenciadas de todas as formas. Agora é a vez delas falarem.

Mulheres de Atenas

*Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Vivem pros seus maridos, orgulho e raça de Atenas
Quando amadas, se perfumam
Se banham com leite, se arrumam
Suas melenas
Quando fustigadas não choram
Se ajoelham, pedem, imploram
Mais duras penas
Cadenas*

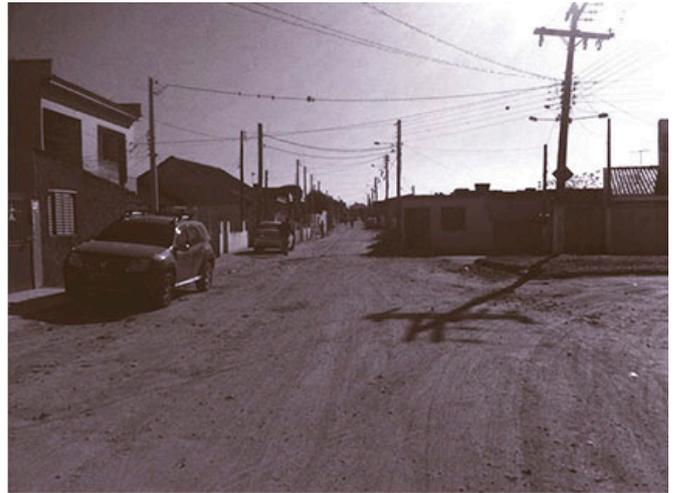
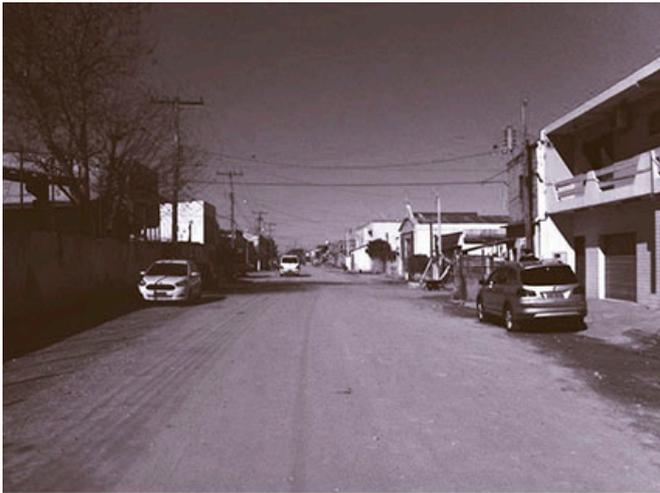
*Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Sofrem pros seus maridos, poder e força de Atenas
Quandos eles embarcam, soldados
Elas tecem longos bordados
Mil quarentenas
E quando eles voltam sedentos
Querem arrancar violentos
Carícias plenas
Obscenas*

*Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Despem-se pros maridos, bravos guerreiros de Atenas
Quando eles se entopem de vinho
Costumam buscar o carinho
De outras falenas
Mas no fim da noite, aos pedaços
Quase sempre voltam pros braços
De suas pequenas
Helenas*

*Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Geram pros seus maridos os novos filhos de Atenas
Elas não têm gosto ou vontade
Nem defeito nem qualidade
Têm medo apenas
Não têm sonhos, só têm presságios
O seu homem, mares, naufrágios
Lindas sirenas
Morenas*

*Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Temem por seus maridos, heróis e amantes de Atenas
As jovens viúvas marcadas
E as gestantes abandonadas
Não fazem cenas
Vestem-se de negro, se encolhem
Se conformam e se recolhem
Às suas novenas
Serenas*

*Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Secam por seus maridos, orgulho e raça de Atenas*



Mulheres guerreiras

Senaliria Soares Vieira

76 anos

*A idade não impede que a vitalidade se mostre
E a energia salta lúcida dos olhos verdes vibrantes
Senaliria e seu orgulho, seu espírito e presença
Entre suas fantasias e feitiços
Uma força tão grande que sustenta muito além de si mesma*

Eu nasci no segundo distrito de Canguçu, Posto Branco. Minha mãe não me deixava ir para o colégio porque na época só os homens podiam estudar. Quando eu perguntava por que não podia, me respondiam que não tinha motivo pra menina estudar, que era só pra escrever carta pra macho. Essa era a resposta, carta pra macho.

Só que eu fui sempre fui tindhosa, na minha frente não tem obstáculo. Então eu aprendi a escrever sozinha. E fazia bilhete pros homens de propósito, eles sofriam nas minhas unhas porque eu fazia e desfazia, o melhor prazer que eu tinha era o de colocá-los pra baixo.

Eu namorava com eles, fazia de conta que estava apaixonada, aí depois escrevia: "Fulano, tenho o prazer de lhe dizer que não existe mais nada entre nós". Aí pedia pra alguém entregar e quando dava eu ia espiar a reação deles recebendo o bilhete. Era ótimo. Adoro fazer desaforo. Sou tindhosa até hoje. Eu estou velha, mas meu espírito está bom.

Os meus irmãos, a mãe teve um lote, só que eles morriam de desidratação e mesmo com um monte de ervas por perto, a mãe não sabia fazer chá pra curar eles. Aí quando eu cresci eu aprendi a mexer com as ervas e até salvei meu irmão mais novo, o Alfeu, ele ficava doente, eu rapidinho ia lá e fazia chá pra ele. Aí nós somos quatro irmãos.

Com 13 anos tive meu primeiro emprego, em casa de família. Aí eu trabalhei até os 18 em um lugar e outro. Eu ajudava minha família, mas gostava de ajudar não dando dinheiro e sim comprando as coisas. E quando eu me desacertava no emprego, ajudava na lavoura. Até as casas de família que eu trabalhava eram pra fora. Eu tirava leite, cortava pasto... Isso aí criança ainda.

Quando fiquei maior, com uns 18 anos, aí começaram a falar em salário. Então juntei um dinheiro pra vir pra cidade, porque e se eu não tivesse onde ficar e não conseguisse emprego, eu tinha como voltar. Consegui umas roupas também, o que naquela época era muito difícil. Arrumei um dinheiro e uma mala e vim pra Pelotas pensando: "seja o que Deus quiser".

Na rodoviária encontrei uma moça que trabalhava vendendo passagens. Eu disse pra ela que tinha vindo de fora e precisava conseguir um emprego e não tinha onde morar. Aí ela disse que a mãe dela estava alugando um quarto, mas que não podia sair de noite e me deu a dica de que era melhor eu trabalhar em fábricas, que estava em época de safra, e compensava mais do que trabalhar em casa de família. Quando chegou a hora da moça sair do trabalho eu fui com ela pra casa da mãe dela e lá eu fiquei.

Aprendi o caminho da tal fábrica Leal Santos. Eu fui uns dias lá de manhã, passava o dia todo esperando o serviço. Até que um dia chamaram algumas pessoas e naquele lote eu entrei, fiz minha ficha e no outro dia fui trabalhar. Gostei muito. Conversei com a falecida dona da casa que eu estava morando e no fogão dela eu fazia comida pra mim, mas eu não tinha panela, não tinha nada. Aí o que eu fiz? Achei uma caneca de alumínio pra comprar ali perto. Eu fazia minha comida nela. E lá na fábrica tinha até fogão pra esquentar, mas eu até gosto de comer comida fria e nunca esquentei. Depois de um tempo me demitiram e eu vim trabalhar aqui no Anglo. Era contrato, quando era tal dia, tal tempo, renovavam, depois nos despediam. Eu já tinha 20 anos nessa época.

E sempre quis estudar, mas era tão difícil. Eu queria aprender corte e costura e ser modista. Mas as duas vezes que eu fui, eu tive que desistir por causa do trabalho. Trabalhar e estudar não é fácil.

Eu sempre gostei de baile, até hoje eu adoro. Dancei bastante, tanto que com 14 anos eu fui rainha de um carnaval de salão. Conheci meu falecido marido no baile. Ele também era do Anglo, mas trabalhava há mais tempo. Como o Anglo era muito grande, uma seção não conhecia a outra. Eu sempre fui da seção do doce e ele era da seção da estufa.

Mas ele morreu muito cedo, com 51 anos. Era doente do coração, só não viveu mais tempo porque acho que pela própria doença ele era brabo, eu o levei no médico por um determinado tempo, mas ele não gostava e depois de um tempo eu tinha que ir sozinha pedir orientação porque ele não queria ir. Nunca deixei faltar remédio.

Foi normal ficar sem ele porque eu sempre tive as rédeas da casa. Não se deve ficar esperando por homem. Não se deve esperar por ninguém. Enfim. Quando meu marido morreu fiquei com uma filha de seis e a outra de sete anos. Consegui me aposentar bem nova porque eu tenho mais da metade do coração necrosado - antes eu passava muito mal no verão, mas agora eu fiz umas cirurgias astras e estou me sentindo muito bem. Aí, depois de conseguir me aposentar, fui trabalhar de vendedora pra poder andar com as filhas. Sempre andei com elas. Sempre.

Depois casei de novo e foi uma porcaria. Então eu me divorciei, busquei meu nome de volta. As minhas filhas são as primeiras balseiras a fazer faculdade. Filhas de mulher solteira. Aí eu esqueci de mim. Até hoje eu não tenho feriado, não paro sábado nem domingo, só não trabalho quinta e sexta-feira santa. Trabalho prestando auxílio espiritual, na lei cabalística. E se quiser pode colocar aí que eu sou feiticeira.

Ah, como eu vim morar aqui? Eu trabalhava no Anglo e soube que estavam loteando por aqui, eu vim olhar e era um barral, cheio de casebres e placas com o nome das pessoas, só um pedacinho que não tinha placa. Mas eu não tive dúvida, falei com a vizinha, arrumei um papelão e um pedaço de pau e coloquei uma placa pra mim. No outro dia eu comecei a aterrorizar e meu falecido marido embrabeceu porque não queria vir morar aqui. A gente morava de aluguel na Gomes Carneiro. Ele disse que isso seria um fim de mundo igual um chiqueiro. “Então você vai sozinha”, ele disse. Eu disse: “Tudo bem, eu vou sozinha. Sempre sonhei em ter a minha própria casa. Só vou lhe mostrar, você vai se quiser”. Nós viemos olhar e ele adorou o lugar. Não falou nunca mais. Eu não tenho a escritura, mas tenho a certidão da prefeitura. Disseram que me darão agora. Estou esperando há 55 anos.

A minha vida foi muito difícil, adolescência, não tive infância, brinquedo, nada. Mas tudo o que eu não tive eu dei pra as minhas filhas, tinha até uma peça que era a sala dos brinquedos. E hoje minha vida é maravilhosa. Se melhorar, estraga. Tenho quatro netos: três netas e um neto. Vivo muito bem. Viajo sozinha e moro sozinha, mas tenho um monte de gente que me visita.

Estou tranquila com minha vida independente e se eu não gosto de uma coisa eu dou as costas e não chego mais ali.

Oneida Garcia Barbosa

69 anos

*É o interior que habita essa calma distante de Oneida
A serenidade que só quem rema
- tendo ou não vontade -
Encontra dentro de si
E apesar do medo e de toda dificuldade
Oneida sorri e diz que travessia deixou saudade*

Nasci na costa da Lagoa Mirim e morei até os cinco anos lá. O pai era pescador, então a gente vivia mais na água do que no seco. A casa que a gente morava era geralmente onde acampávamos, o pai fazia tipo um rancho, pegava uns pedaços de madeira e barreava, era casa de barro. As camas eram uns pedaços de madeira com palha.

Depois meu pai arrumou um serviço em uma fazenda pelo lado de Santa Vitória do Palmar, fiquei ali até uns 13 anos. Ele trabalhava na estância, ali não tinha divertimento nenhum, eu criava bichinhos silvestres. Mais tarde nós viemos para Marambaia, município de Rio Grande, chegamos em época de enchente, era tudo alagado.

Eu sabia ler e escrever porque um tio me ensinou, com oito anos eu já lia livros. A vida foi passando ali na Marambaia. Aí fiz rapidinho até o quinto ano da escola, eu fazia rapidinho porque eu já era quase adulta, tinha 13 anos na época.

Com 18 anos eu tive que vir estudar aqui na cidade, aí eu vinha remando da Marambaia até Pelotas. Eu estudava no Sales Goulart, meu pai conseguiu uma bolsa ali e eu pagava bem menos pra completar até a oitava série. Eu atravessava remando e depois eu caminhava até o Sales Goulart porque não tinha ônibus pra lá.

Eu passava muito trabalho pra remar porque às vezes tinha muito vento, às vezes o remo caía na água e a gente tinha que remar com a mão – era eu e a minha irmã. Era um caico pequeno de uma tábua e meia. Uma vez eu quase morri, começou a entrar água no caico e eu não sabia se remava ou tirava água. Graças a Deus um senhor apareceu e me salvou.

Aí quando eu terminei o ensino fundamental e passei para o ensino médio no mesmo colégio, eu comecei a trabalhar com o patrão do meu pai. Era um senhor bem velho, eu cuidava dele e estudava a noite. Só que como eu trabalhava muito, não dava tempo de estudar. Aí no primeiro ano do ensino médio eu desisti na metade. Me arrependo de ter desistido, mas eu também chegava toda molhada, às vezes não tinha nem o que comer e mesmo assim eu nunca faltava à aula e nunca reprovei. Depois eu ainda fiz cursinhos, fazia costura, unhas, coisas assim.

Também teve uma época que eu trabalhava lá em Santa Vitória durante as férias. Eu passava o mês inteiro lá, mas era muito sacrifício porque eu precisava ir caminhando e era uns oito quilômetros.

Aí com uns 20 anos eu vim de lá da Marambaia e fiquei mais em casa, arrumei um namorado e casei 24 anos. Passei definitivamente para essa casa na Balsa. O meu ex-marido já tinha um terreno aqui, aí a gente aumentou e eu fiquei aqui, fiquei casada 32 anos, passei maus bocados no trabalho, tive a minha primeira filha, depois engravidei de novo e perdi com sete meses. Aí eu abri um bar dentro de casa para cuidar dos filhos.

Mas a minha casa que eu considerava mesmo era lá na Marambaia. Eu ficava todo final de

semana lá, fazia o serviço pra mãe. Eu gostava muito de ir pra lá, sempre gostei do campo, de remar, andar a cavalo, gostava muito de pescar. Até pouco tempo eu pescava.

Depois que eu casei tudo se modificou e eu parei de ir muito lá pra fora e parei de estudar de vez. Depois tive filhos e perdi. Deixei do marido porque não prestava mesmo. Eu sustentava a casa fazendo salgadinho, fazia pão, passava dia e noite trabalhando, chegava a fazer cinco mil salgados por dia pra formaturas. Porque ele não me dava nada.

Só que quando ele foi embora ele tinha carro, tinha moto, eu fiquei só com a casa por causa dos filhos. E ele dizia que não ia deixar nada pra ninguém, que ia botar tudo fora. Ele saiu de casa pra morar com uma mulher, mas agora ela também não vive mais com ele, deixa ele no quartinho. Às vezes ele ainda aparece pra me pedir dinheiro. Porque ele colocou tudo fora.

Inclusive, depois que eu deixei dele, dois anos ele ainda comia aqui em casa, trazia o leite, aí eu ficava com um pouco pra mim, vendia outro pouco. Depois ele foi pra lá, essa outra mesmo começou a tirar dele, tiraram tudo dele e acabou que o que ele disse de não deixar nada pros filhos aconteceu, não deixou mesmo. Nada. Tem uma filha com essa outra, ele ganha salário mínimo e ela tira dele.

Quando eu era mais nova eu pedia pra ele me levar pra passear e ele dizia que levar mulher no baile era o mesmo que cachorro brincar com o rabo. Ele jogava carta, apostava, colocava tudo fora. E isso quando ele não saía com alguém e sumia, uma vez até liguei pra polícia com medo porque ele tinha sumido por um dia e pouco. Passei muito trabalho. Quando a gente pega um marido ruim, a coisa fica feia.

Agora graças a Deus estou aqui, ele foi embora. Às vezes aparece pra pedir dinheiro, mas eu não dou mais porque a última coisa que ele tinha que era a casinha dele e ele vendeu e disse que a outra mulher botou o dinheiro na poupança pra ele. Aí ele chega aqui e eu digo que não tenho, que use o dele.

E assim eu vou vivendo, até que de vez enquanto ele aparece. em aqui e toma café... Meu filho é muito bom, às vezes leva ele pra passear. Mas eu não quero mais saber. Entrei até em depressão por causa dele que vinha todos os dias aqui.

E eu não sei o que ele está fazendo da vida dele porque a mulher dele disse que se arrependeu amargamente de ter se casado com ele. Mas é claro, ele é ruim mesmo, sempre foi.

Eu acho que minha vida foi uma vida boa até o dia que eu casei. Depois, a única coisa de boa que aconteceu na minha vida foram meus filhos que são extraordinários. E minhas netas e netos. Ah, meus irmãos eu também gosto muito, me acolhem. Éramos oito irmãos, agora são seis vivos. Volta e meia eu e minha irmã mais velha ainda vamos pescar lá na Marambaia.

Zoraide Jahnke Machado

70 anos

*Zoraide esbanja uma receptividade
dessas que dificilmente encontramos onde não temos intimidade
Fruto da empatia resultante de uma vida de luta
Zoraide já não se oculta
e se permite partilhar sua felicidade*

Eu nasci na colônia Municipal, sétimo distrito de Pelotas. Nós éramos onze irmãos ao todo, era pra ser 13, mas nós não conhecemos os dois primeiros porque eles morreram antes da gente nascer. O pai era empregado da prefeitura, trabalhava limpando estrada e a falecida mãe cuidava da roça, da casa, dos bichos e da plantação.

Então a gente foi seguindo aquele ritmo, sabe? Entrei atrasada no colégio, parece que foi com 10 anos e fiz até a quinta série, depois não deu pra continuar porque era pago e o pai não tinha dinheiro. Aí fomos pra colônia Santo Antônio e ali que me criei. Não lembro com quantos anos a gente foi pra lá, eu sei que desde uns seis anos eu lembro de tudo.

Eu comecei a trabalhar na roça desde pequena. Depois com 15 ou 16 anos eu vim trabalhar aqui em Pelotas. Eu tinha uma amiga que trabalhava com pessoas de outra colônia e ela me passou o contato de um pessoal da cidade, minha mãe me deu permissão e eu vim com 15 anos. Esse pessoal pra quem eu trabalhei era muito bom pra mim, eu era cozinheira, eu era tudo ali.

Depois eu fui para o interior com minha mãe de novo e aí comecei a namorar e casei com meu marido quando eu tinha 19 anos. Ele trabalhava de peão, depois começou a trabalhar de motorista. O casamento teve festa, teve vestido de noiva, teve tudo. Durou mais de 15 anos, tive três filhos, mas a gente se separou quando eu tinha uns 30 anos porque ele começou a andar na fuzarca, eu não quis mais. Ele saía com uma e com outra, passava na minha cara com as amantes. O meu guri menor na época tinha três ou quatro anos.

Eu criei os gurus sozinha. Minha falecida mãe me dava uma ajuda. A gente trabalhava nas fábricas no fim de ano. Meu marido ia e voltava, ia e voltava. Depois meu filho pequeno começou a ter uns ataques, tive que correr pra curar ele, até em Santa Catarina tive que ir.

Depois eu coloquei meu ex-marido na justiça e ele me pagou uma pensão, mas bem pequena. E ele ainda quis me tirar o pequeno, aí eu coloquei um advogado bom e o advogado disse que quem decidia isso era eu. E eu disse que nem pensar, que meus filhos eu não dou de jeito nenhum, que o guri teve doente e ele não deu dinheiro nem pra comprar remédio.

Eu morava primeiro lá na vila da Coruja que hoje é Santos Dumont, depois vim pra Balsa e fiquei na casa do meu irmão, até que deu pra comprar a casa que eu tenho hoje. Aí segui minha vida vendendo perfume, trabalhando em fábrica. Faz um tempão que estou aqui, ainda espero a escritura da casa.

Já tenho sete netos e quatro bisnetos. Eu também criei uma menina que meu filho achou morando na rua, ela tinha seis anos, ele a achou e trouxe pra casa, criei até os 15 anos, depois ela foi embora e acabou falecendo com 22. Já faz tempo.

Agora eu cuido de uma neta que eu criei, ela tem 23 anos e teve uma filha, o rapaz deixou ela e só dá uma pensão pra guria, eu cuido das duas. Mas meus filhos estão todos bem e ficam sempre na minha volta, o mais novo já tem cinquenta e poucos anos. Dei parte da minha casa

para um deles, aí ele fez um sobradinho.

Teresinha Duarte Dias

80 anos

*Quanta esperança coube no coração de Terezinha
Que quantidade enorme de paciência e compreensão ela detinha
E de onde será que ela tira agora essa sinceridade bem humorada
Que nos conta tanta coisa
Como se não fosse nada?*

Morei em Canguçu até os 16 anos. Vivi na pobreza, minha mãe tinha oito filhos, eu era uma das mais moças e as mais velhas trabalhavam pra ajudar os mais moços, então eu me criei um pouquinho melhor do que as outras. Mas depois eu trabalhei na lavoura, com animais, vaca, cavalo, ovelha, enfim... Eu era a que ajudava meu pai porque ele era capataz da estância lá.

Aí com 15 anos eu me casei, tive uma filha, só que em menos de um ano eu fiquei viúva. Como lá em Canguçu não tinha serviço e eu tinha filha pra criar, vim como minha mãe pra cidade, comecei a trabalhar. Pra eu morar aqui na cidade foi muito ruim porque não estava acostumada, na campanha a gente tem mais liberdade.

Vimos sem nada, esperando arrumar aqui, o primeiro emprego que eu arrumei foi em uma leitaria, ajudava a tirar leite, era o tempo que tinha carroça, vendia verdura, eu fazia os pacotes de couve, cenoura, alface, colocava na cesta pra eles saírem no outro dia e vender. Trabalhei no Anglo, em casa de família, minha mãe cuidava minha filha pra mim. Com 17 ou 18 anos eu casei de novo e tive quatro filhos com esse outro marido, mas ele registrou a guria também. Aí eu vim morar aqui na Balsa.

Só que ele estava sempre querendo mais as outras do que eu, eu sempre ficando por último... As coisas de dentro de casa, ele comprava pras outras, se sobrasse comprava pra mim. Então se eu queria alguma coisa, eu tinha que trabalhar e criei meus filhos assim.

Minha casa eu fui fazendo aos pouquinhos, quando eu ganhei uma indenização eu fiz meu primeiro banheiro, porque antes era patente, aí eu pensei: vou fazer um banheiro pra mim. Dei o dinheiro e comprei tudo novinho, mas sabe o que ele fez? Eu dei dinheiro pra ele comprar os canos de cima pra colocar no banheiro, ele jogou fora o dinheiro, ele gostava de jogar... Aí ele pegou aqueles pedaço de madeira que tem embaixo de caminhão, os cabungo, pois ele pediu aquilo na prefeitura e colocou em cima do banheiro, aquilo tudo sujo. Francamente, ele aproveitou bem a vida. Graças a Deus que os filhos não puxaram ele.

Ele teve quatro amantes. A primeira vez que ele me fez isso, foi assim, eu era bem nova, quando foi um dia ele veio em casa e me disse: "Vou comprar um tecido pra você fazer um vestido". Eu disse: "Tudo bem, né? Se é pra eu melhorar..." Comprou uma sandália, comprou uns brincos, aí eu pensei: "Não pode... não tem festa nem nada, aí tem coisa". Quando foi um dia ele me chamou pra ir na tia dele lá na vila das Corujas. Eu fui. cheguei lá e ele todo contente, alegre, tinha uma morena bonita lá, não era feia não a mulher. Bom, era visita da tia dele, conversei com ela toda contente e alegre.

No outro domingo, a tia dele veio aqui em casa e disse assim pra mim: "Você viu aquela mulher que estava lá? Era amiga dele. E ela queria que ele deixasse de você pra ficar com ela e eu disse que isso não ia acontecer porque ele gostava muito de você. Ele levou você lá só pra ela ver como era bonita como ele tinha dito." Eu podendo apanhar e ele me levou lá, acredita?

Depois dessa ele teve a segunda com quem ele teve um filho. Ele estava com ela, ela morava

com a avó, eu fiquei com pena, mas quando eu soube mesmo onde ela morava, eu fui lá, briguei bastante... Mas depois ficamos amigas.

Aí quando foi um dia, ela apareceu grávida, eu disse: "E agora? O que vamos fazer?" Ajudei ela a fazer o pré-natal. Eu que levei ela pro hospital, ela ganhou o guri, eu dei roupinhas pra ela, cuidei... Ela teve 12 dias no hospital quando ganhou ele. E eu queria o guri porque ela não queria, queria que ela desse pra mim, eu ia cuidar dele até ela ter condições, mas ela me disse que se ela não podia ficar com ele, eu também não ia. O dia que ela foi embora, a criança ficou chorando no berço, fico até mal de lembrar.

Eu ainda fui na casa dela depois disso, limpava a casa pra ela, levava comida. Aí ela fechou a porta e não me deixou mais entrar. Um dia ela me ligou e falou que era pra ir lá que ela precisava falar comigo, atravessei a cidade inteira, cheguei lá pra ver o quê? Que ele estava lá dentro do quarto com ela.

Aí vi que ele estava lá, mas não adiantava nada. Vim embora. Passou um tempo, ele dizendo que não tinha mais nada com ela e eu sempre me incomodando porque era um dia atrás do outro e eu fiquei doente, fui parar no sanatório. Fiquei nervosa, só queria chorar.

Ele largou ela depois, mas arrumou outra e ficou seis meses fora de casa. Aí voltou e ficou por três anos comigo. Ele estava velho, minha esperança era que ele se aposentasse e fosse ficar em casa. Mas foi engano meu, ele se aposentou e arrumou uma aqui na frente. Aí eu mandei ele embora. Aí eu perdi a paciência.

Fiquei sozinha, criei um neto que agora está bem, graças a Deus, e ajudei a criar outro. O que significa que criei dois netos além dos filhos que eu já tinha. E ajudei sempre meus filhos porque minhas noras todas moraram comigo antes de arrumar a casa deles. Minha vida foi essa, um dia melhor, outro pior, um dia trabalhando, outro chorando, outro dia bem.

Mas tive dias de alegria com meus filhos. Vivi na Igreja. Mas meu ex-marido foi muito safado comigo, até na igreja ele aprontou, isso é pra aprender também, que Igreja não salva ninguém, quem salva é Jesus Cristo.

Celina Coutinho Teixeira

69 anos

*Celina tem uma expressão de força, uma seriedade na fala
A dureza doce de quem teve que aprender a agir
De quem teve que aprender a cuidar
Da casa, da roça, dos filhos, do marido, da vida
E cuida com aquela cautela
a qual poucos têm tutela
Entre a firmeza e a compreensão.*

Minha infância foi de dentro de casa pra roça com meu pai. Nasci em Canguçu, éramos 12 irmãos. Minha mãe saía e eu tomava conta dos meus irmãos. No intervalo eu ajudava papai, eu cuidava dos cavalos, dos bois, das plantações.

Eu arrumei um emprego aos 19 anos, tinha ganhado minha guria mais velha já, deixei ela com minha mãe e vim pra cidade. Fiquei morando aqui, arrumei um namorado e mais um filho, aí casei e já fiquei apanhando do meu marido. Finalmente nos separamos, criei meu filho sozinha. Passei fome, passei frio, tudo. Deixava de comer pra dar pro meu filho. E o pai dele, depois que eu mandei embora, nunca mais. Foi difícil, mas eu mandei embora. Nunca mais vi.

Trabalhei no Anglo, na Veiga, em uma peixaria que tinha aqui, em Morro Redondo, em Rio Grande, ia e voltava todos os dias. Tudo pra criar e dar estudo pro meu filho, mas não consegui dar todo o estudo que eu queria, ele estudou até a quarta série, depois ele também começou a trabalhar pra me ajudar.

Aí depois que eu já estava me aposentando, com 48 anos eu arrumei esse outro marido. O que eu mais gosto da minha vida é estar nessa vida que eu tenho agora, ficando dentro de casa e na rua. Eu nunca fui em festa, baile, nunca conheci nada disso.

Tenho cinco netos e quatro bisnetos. Eu gosto mesmo é de estar em casa cozinhando, faço um doce, faço um pão. O que eu mais gosto de fazer é cozinhar. Ah, me dou com todo mundo aqui, entra lá na ponta da vila e pergunta por mim que todo mundo me conhece. Mas já faz uns 50 anos que eu moro aqui. É bom morar aqui pra mim, eu posso sair e deixar a porta aberta, ninguém pega nada.

